

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
 Editor de *ELECTRICIDADE*

À Partida do Comboio

O Comboio da Literatura Europa 2000 ainda não partira de Lisboa, para atravessar o velho Continente até Moscovo e regressar a Berlim, onde se daria a apoteóse final das centenas de escritores que alimentam o consumismo das inovações. A notícia do encontro literário, naquela véspera da partida, despertou-me a curiosidade: "Futuro da técnica, futuro das letras". Lá fui, ao fim da tarde, á livraria Bertrand.

No meio das prateleiras de livros da venda, uma mesa presidida por uma figura política (Zita Seabra), ladeada por outro político de suporte (José Magalhães) e depois os jovens escritores estrangeiros: o russo Alksei Varlamov, a finlandesa Anita Konkka, a inglesa Bernardine Evaristo e o esloveno Ales Steger, além de um romeno tardio (que não deixaram viver a sua liberdade e forçaram a ir ali dizer da sua inexperiência).

Começou a Bernardine por esclarecer a origem latina de ser Evaristo, mas que só falava inglês e, trabalhando como bibliotecária em Londres, escreveu "*A Miúda do Imperador*", revivendo as orgias londrinas no século III, devidamente contaminadas pela cultura romana da época. Certamente, uma transposição da vida actual para outro contexto histórico e narrado de maneira "p'ra frentex" em prosa versejada por sucessivos dupletos. É caso para perguntar à Vasco Santana: "Ó Evaristo, tens cá disto?". A editora Penguin não se importa, pois as vendas de marca estão garantidas.

Seguiu-se a intervenção mal falada (em inglês) das bonitas ideias de Anita, marteladas por debaixo do seu chapéu de aba larga, não fosse o Sol queimar-lhe a branquinha tez de mulher fatal. Não percebi tudo o que se esforçou por transmitir. Mas uma ideia consegui entender: com computador ou sem ele, o escritor escreve o que sente. E o seu "palhaço-palhaça", descrito no livro "*O Jardim dos Desejos*", é testemunho-testemunha extraordinário-estrordinária. Se me dão licença transcrevo a seguir um pedaço dessa prosa singular, quando a jovem entrou na Escola de Circo de Moscovo, sendo a única rapariga no curso de palhaços.

«— Também não serves para mais nada. Comida não sabes fazer, não vais conseguir casar e nenhum homem te quer, por seres feia, argumentou ele.

«Tinha razão, pois antes de me tornar famosa

só um domador de ursos me tinha aceite. Estava tão bêbado que qualquer coisa lhe teria servido. Aconteceu que eu estava ali à mão e ele agarrou em mim e apertou-me contra o peito peludo. Cheirava a vodka, a cebola e a mijó de urso. Não era um cheiro mau, depois de nos habituarmos. Fui para a cama com ele, pois queria saber como era a maravilha de ter sexo, sobre o que tantas mulheres cochichavam, e por que razão tinham tanto empenho em casar. Não achei que valesse a pena. Era uma idiotice ficar de perna aberta enquanto o homem arfava por cima. Talvez sentisse diferença se o amasse. Começou com um esfreganço. Em cima da mesa estava o *Pravda* (jornal diário russo) e pensei que podia lê-lo, para não desperdiçar o tempo. Tentei alcançá-lo, mas não consegui. O domador de ursos quase me esmurrou, agarrou-me nos ombros e rosou:

«— Agora é que te mostro um bocadinho da *Pravda* (verdade, em russo).

«Nesse instante derramou os líquidos entre as minhas coxas e sucumbiu em cima da minha barriga, a grunhir de tal maneira que pensei que tivesse tido um ataque cardíaco e estivesse a morrer, pois era um homem gordo. Felizmente, conseguiu não morrer. Depois disso perguntou-me se tinha sido bom e quis beijar-me na boca, mas eu não deixei. Não soube responder-lhe, já que não tinha mais experiências para comparar.»

O russo Aleksei também repudiou as novas tecnologias até às vísceras. Como era agradável sair de Moscovo de madrugada, num todo-o-terreno japonês, perder-se pelas picadas dos campos incultos, atulhar as rodas nas areias inesperadas, passar o resto do dia a desatulhar o primado tecnológico de tracção a todas as rodas e regressar a casa reconfortado pela saída da cidade urbanizada de tecnologias agrestes para os homens que pensam. Como era o caso do escritor. Que escreveu "*Sacramento*", de que reproduzo uma breve passagem.

«Finalmente ela alcançou a saída e desapareceu atrás da porta. Nesse preciso momento alguma coisa mexeu com o sacerdote, e num instante se fez luz. Novamente viu diante de si a mulher, a sua cara pálida, os olhos cheios de súplica, as mãos grandes e estafadas do trabalho, segurando a sacola, e com isso viu toda a sua vida extremamente pesada, esfalfada, na qual não havia tempo para parar e

lembrar-se de si própria: fome, pobreza, guerra, de novo fome e assim dia após dia.»

Falou então o poeta Ales da Eslovénia. Só percebi que, para si, importante é escrever. Por exemplo, uma oração para ter uma boa noite: «Peço-te, dá-me um frigorífico cheio, tão cheio como as despensas dos meus antepassados, para não mais ter de acalmar as brasas do meu estômago nem morder o seio da minha mulher.»

O romeno também contou algo. Mas nada ficou registado.

Até que ouvi o discurso estafado de José Magalhães a idolatrar a Internet, o abre-te Sésamo da civilização no século XXI. Afinal aí estava o "futuro da técnica, futuro das letras". O silêncio prolongou-se nas palavras timbradas do orador, que haveria de despertar a maior salva de palmas. Afinal o escritor se não for cibernauta não será ninguém. Um discurso bem ao jeito da época, quando ufanávamos com a política da "Internet para todos" na União Europeia (era o dia 6 de Junho).

Esperei pelo esgotamento da discussão, que nunca mais saiu da Internet. Esperei que a repetição das intervenções cansasse a audiência. E pedi a palavra, para confessar a confusão que se instalara dentro do meu fraco entendimento: então um escritor agora tem de saber cozinhar palavras com imagens e sons? (essas maravilhas que a Internet possibilita). Não vêem que isso não é escrever? Trata-se de editar, assim ou assado, neste ou naquele formato, com mais ou menos ilustrações. Todavia, o trabalho do escritor é, simplesmente, construir frases com palavras, transmitindo mensagens pelas narrações. Qualquer imagem gráfica associada resulta de um desenhador, ilustrador, realizador ou lá o que lhe queiram chamar. O que não será é obra de escritor. Este trabalha apenas as palavras. Que podem ser difundidas pela Internet. Mas o escritor é só escritor. Independentemente das novas tecnologias, que nada mais são que instrumentos utilizáveis.

Com isto, Zita Seabra gaguejou (em inglês) um "obrigado" seco e encerrou o futuro. Eu fui ver as novidades literárias. E, ao sair, retive a imagem da finlandesa Anita, sentada ao lado da estátua de Fernando Pessoa, frente à Brasileira do Chiado, chapéu a rasar chapéu, à espera do disparo fotográfico. Para levar no comboio das recordações. **E**